



Percurso a Caminho da Senhora da Lapa



É para a “mítica cidade” que os jesuítas levantaram no século XVI que nos dirigimos neste percurso. A caminho da Lapa, trilhamos os mesmos locais por onde centenas de romeiros proferem cânticos de fé em tempo de novena.

Descemos de Sernancelhe pela estrada antiga, em direcção à Ponte Nova. O arvoredado é a presença mais constante neste troço de quatro quilómetros com passagem pela produtiva Quinta de Rape. É surpreendente quando chegamos ao fundo da encosta e damos de caras com o Rio Távora, que em tempos puxava neste local uma dezena de moinhos. Hoje, aprecia-se a verdura e escuta-se o ruído da água que cai em forma de cascata.

O destino que se segue é **Granjal**. São dois quilómetros, sempre a subir, até à povoação que deve a sua origem à Ordem de Malta. É uma das aldeias mais verdejantes do concelho, escondendo-se o seu casario por entre pinheiros e castanheiros, alguns velhos de séculos. O povoado cresce agora encosta acima, ajoe-

lhando-se aos pés da recuperada ermida de Nossa Senhora da Aparecida. Graças à sua água de montanha, à frescura e ao parque de merendas é um dos locais mais requintados da aldeia. Considerado um dos miradouros naturais mais interessantes do município, é a partir de lá que se vê a sede do concelho, as aldeias vizinhas e, em dias mais claros, o castelo de Penedono. Envolta pelas serras da Borralheira e Lapa, Granjal começou por ser uma granja (conjunto de dependências de uma propriedade agrícola). A riqueza do seu solo, principalmente na Lameira de Arados, transforma esta terra numa das mais produtivas do concelho. A Ribeira de Guímar ou de Arados, que nasce em pleno coração da Serra da Lapa, vai irrigando as pequenas par-





celas à sua passagem, sendo responsável pela qualidade excepcional das culturas. Em tempos terra de ferreiros, muito requisitados pelas suas habilidades na arte de ferrar os cavalos e burros, Granjal continua uma aldeia essencialmente agrícola. Apenas no século XIV se constituiu como freguesia, guardando muitos exemplos da convivência da ruralidade com os “senhores” da aldeia. Almeidas, Mendonças, Amarais, Rochas e Pessanhas eram algumas das famílias importantes de Granjal. Do património, destacam-se a Igreja Matriz e a graciosa Capela de S. Miguel, com brasão na verga da porta principal. Ao lado, ergue-se a casa dos Cardosos, uma construção do século XIX, soalheira e imponente, que define um estilo de vida de uma família rica, de gosto requintado. Habitação idêntica no estilo situa-se bem no centro da povoação. Ao lado sobressai o cruzeiro do Largo do



Soito, datado de 1736, que prende pela sua elegância. Na Rua Direita, evidência para o bonito brasão da Casa do Povo da aldeia. No Cabo do Lugar, bairro de construções tipicamente rurais, aprecia-se ainda a pequena Capela de Santo António, aberta em dias de procissão. Continuamos a percorrer a calçada até à Quinta de Arrossaio, que conduz ao Paúl, em tempos laje comunitária onde a população secava e malhava os cereais. O estilo beirão das construções é a última imagem que guardamos desta freguesia. O percurso continua agora para a Lapa.

Seis quilómetros em estrada de asfalto com pista de cicloturismo é o que nos espera para alcançarmos a localidade que deve a sua origem à lenda da **Pastorinha Joana**. A **Lapa**, povoado anexo da freguesia de Quintela, situa-se a cerca de mil metros de altitude e cresceu por entre serras enfraguadas e rigorosos ne-



vões invernais. Terra pequena, de construções de granito enegrecido pelos ventos do Marão, é na Lapa que nascem os rios Vouga e Paiva. A história desta localidade começa, em 1493, com o aparecimento da imagem de Nossa Senhora debaixo de uma lapa. A lenda tomou proporções nacionais e, sem demoras, surgiram as primeiras construções naquele local. “Para abrigo da Imagem, e resguardo temporário de fiéis, principalmente no tempo de maior afluência deles, construiu-se um oratório e levantaram-se algumas barracas simples”, diz Abade Vasco Moreira, no livro “Sernancelhe e Seu Alfoz”. Alguns anos mais tarde, e já sob a orientação dos jesuítas, foi construído o actual **Santuário**, no exacto local onde a Pastorinha Joana descobriu a imagem. O **Colégio**, onde gente ilustre como Aquilino Ribeiro estudou gramática, latim, lógica e moral, começou a ser construído no fim do século XVI e é uma das obras maiores dos Jesuítas na Lapa, funcionando hoje como pousada do Santuário. Para delimitar os locais por onde chegavam os fiéis à povoação, foram erguidos quatro



miradouros em lugares equidistantes da Igreja. Em 1740, e pouco antes de serem extintas as ordens religiosas e expulsos os jesuítas, a Lapa foi elevada à categoria de Vila. A **Casa da Câmara**, a **Cadeia** e o **Pelourinho**

A LENDA DA PASTORINHA JOANA

Chamava-se Joana a pastorinha muda, de doze anos, que, enquanto guardava um pequeno rebanho de ovelhas, avistou, por entre as fendas de um penedo ou lapa, uma imagem de Nossa Senhora. Diz a história que Joana se aproximou dela e, extasiada, permaneceu em oração por largo período de tempo.

A pastorinha reparou, então, que as vestes da imagem se encontravam destruídas pela acção do tempo e pela humidade e decidiu erguer, naquele local, um altazinho para a resguardar. Limpou a imagem, colocou flores em seu redor e não mais deixou de pensar no seu “tesouro”. No dia seguinte, Joana levou a imagem para casa na cestinha onde a mãe lhe enviava o farnel. A mãe, que não apreciava o facto de Joana perder tempo a fazer vestidinhos para a “boneca”, atirou-a ao lume.

Desesperada, Joana, muda de nascença, gritou para a mãe: “Tá! Minha mãe! É Nossa Senhora da Lapa! Ai! Que fez?”. Diz a lenda que a imagem não se queimou, mas nesse preciso momento a mãe ficou com o braço paralisado. Arrependida do acto que acabara de cometer, rezou com Joana e tudo voltou à normalidade. O pároco, conhecedor da história, pediu que a imagem fosse colocada na Igreja Matriz, para não ficar naquele ermo, só que a imagem desaparecia de lá e aparecia na gruta onde Joana a havia descoberto. Era lá que ela queria ser venerada, dizem.



O SARDÃO DA LAPA

Percorrendo o interior do Santuário da Senhora da Lapa, deparamo-nos com um sardão exposto no chão. Anteriormente, encontrava-se pendurado por duas argolas metálicas a uma trave de castanho que sustentava o telhado. O “sardão da Lapa”, como era descrito aos mais novos, tem uma história curiosa, a que muitos atribuem a mão de Nossa Senhora. Diz-se que uma tecedeira vinda de Quintela para a Lapa se deparou, subitamente, com um lagarto de grandes proporções. Sentindo necessidade de se defender, começa a atirar-lhe novelos de linho, mas mantém os fios na mão. Puxando-os em simultâneo, estrangula o animal, salvando-se, por milagre da Senhora.

simbolizam a importância administrativa da Lapa nesse período. Em 1885, perdeu o título, ingressando no concelho de Sernancelhe. A “mítica cidade” que os jesuítas criaram ainda perdura no tempo. Três grandes romarias ocorrem nesta localidade, sendo a maior a de 15 de Agosto. Como herança, a Companhia de Jesus legou à povoação um extraordinário movimento de peregrinos, principalmente do Minho e das Beiras. E também a certeza de que os devotos vêm à Lapa não apenas para pedirem a protecção de Nossa Senhora ou para pagarem tributo pelas graças concedidas, mas para apreciarem as iguarias locais, como é o caso do pão, das trutas e do queijo feito com leite de cabra e vaca.

A acção dos jesuítas foi igualmente determinante para a evolução de **Quintela**, a terra natal da Pastorinha Joana, a que pertence a localidade da Lapa, as Quintas de Almarigo,



Cando e Moinhos do Vouga. Localizada na encosta que desce da Lapa para a nascente do Rio Vouga, por entre pinheiros e pastos verdejantes, encontra-se o casario do povoado de Quintela. Muito exposto à erosão e às agruras dos temporais, a freguesia não tem solos ricos para a agricultura, mas, em compensação, detém pastos abundantes que ajudam no desenvolvimento da pecuária. O queijo é, de resto, uma importante fonte de receitas das famílias locais. Terra de gente trabalhadora e hospitaleira, Quintela é uma freguesia que não esconde os traços humildes de quem por ali nasceu. Habitadas a tirar partido do que a terra dá, criaram estilos de vida muito próprios que se reflectem, por exemplo, nas casas tradicionais, construídas em blocos de granito desalinhado. A ruralidade está ainda bem patente no facto de animais como o burro e a vaca serem fundamentais no amanho das terras de cultivo. A **Igreja Matriz de S. João Baptista** e a **Capela da Irmandade das Almas** são locais de visita obrigatória em Quintela, povoado onde não se estranha a presença de rostos típicos da serra, envoltos em lenços negros, em sinal de luto permanente. São assim as “Terras do Demo”, onde os mais idosos vestem a roupa grossa no Inverno e no Verão e dizem, com sapiência, que “o que tapa o frio tapa o calor”.





De Quintela seguimos para **Lamosa**. A meio caminho entre as serras da Lapa e Nave, esta localidade rasga horizontes por entre os planaltos e conduz o nosso olhar para o Marão e para a Estrela. O frio característico do Inverno faz-se sentir aqui em jeito cortante e implacável. As chuvas fazem transbordar os riachos, alagando propriedades e gerando lameiros verdejantes. Aliás, o seu nome deriva da palavra “lomas”, abundantes em redor do pequeno regato que banha o seu termo e de onde saem as saborosas trutas para colocar em calda de escabeche. O curso de água, que vai ter ao rio Paiva, é determinante para puxar as mós da família dos Moleiros. Dos três moinhos que o clã detinha, está activo apenas um. Ainda houve

quem tentasse ampliar o negócio com a construção do **moinho de vento**, mas este nunca chegou a funcionar em pleno. É no ponto mais alto da freguesia que se situa este moinho de vento. Agora recuperado, funciona como Centro Interpretativo da Biodiversidade da Rede Natura 2000 de Lamosa, estando ao dispor dos visitantes que aqui encontram informação sobre os percursos pedestres, a fauna e a flora locais, os sítios arqueológicos e a cultura deste povo.

Ao lado, e de construção recente, ergue-se a **Igreja Matriz**, que substituiu a antiga (por ser demasiado pequena). O **calvário** aí colocado assinala também a presença do cemitério. Ao lado, a povoação aproveita um largo da estrada para secar cereais,





como se de uma laja comunitária se tratasse. A **Fonte de Mergulho**, o casario e as **sepulturas antropomórficas** encontradas no Verdogal advertem para a antiguidade da aldeia, conhecida pela união das suas gentes e pela tenacidade de quem daqui parte para outras paragens.

Voltamos para trás e seguimos até **Tabosa do Carregal**, a terra do **Convento de Nossa Senhora da Assunção** e dos **fálgaros**. Fundado, em 1690, por D. Maria Pereira, com o objectivo de abrigar monjas descalças ou recolectas que professassem as regras de S. Bento com devoção e piedade, foi o verdadeiro impulso ao crescimento da povoação de Tabosa. O granito é o elemento dominante em toda a construção e também nas habitações que o rodeiam. Imponente, o convento



conheceu a ruína com a extinção das Ordens Religiosas, em 1834. A cerca desabou, assim como grande parte dos motivos mais interessantes do edifício. Escaparam a **Torre do Mirante**, o **Pórtico** e a **Igreja**, hoje utilizada pelo povo para as normais cerimónias religiosas. Em 1850, data da morte da última freira, e depois de uma história atribulada, o convento encerrou. Na povoação, pertença da freguesia de Carregal, há capelas, uma fonte de mergulho e uma casa fidalga. Mas o que realmente sobressai do casario desta encosta pedregosa, fértil em urzes e sargaços, é o aroma dos fálgaros, a especialidade criada pelas recolhidas do Convento de Nossa Senhora da Assunção à base de ovos, farinha e queijo.

Descemos a estrada alguns metros e chegamos ao **Carregal**, o berço de **Aquilino Ribeiro**. Acompanhados por uma paisagem repleta de verde, que quase oculta a nascente do **Rio Aviasca**, admiramos a localidade onde nasceu um dos maiores escritores do século XX. A casa do mestre lá está, por detrás do Pátio que recebeu o nome do autor de "O Malhadinhas". O pequeno núcleo urbano de Carregal guarda, religiosamente, a **capelinha de Santo Amaro** e a **Igreja Matriz do Espírito Santo**. Rodeada de velhos arciprestes, abre-nos as



AQUILINO RIBEIRO (1885/1963)

Aquilino Ribeiro nasceu na freguesia de Carregal no ano de 1885. A sua obra, de valor universal, valeu-lhe a candidatura ao Prémio Nobel da Literatura em 1960. Não ganhou o prémio, mas as descrições que nos deixou falam de um homem que procurou na natureza as suas fontes de inspiração. Alguém que conseguiu transformar em romance o dia-a-dia da sua aldeia, que retratou a busca desenfreada pelo volfrâmio, que falou das serras, dos rios, dos sabores e dos cheiros de forma inolvidável. Aquilino Ribeiro, falecido em 1963, deixou-nos o maior legado de todos: a cultura regional e as memórias do passado recente para que as admiremos e respeitemos.



portas para que admiremos o seu interior em talha dourada e o requinte da sua construção. Ao lado sobressai o **Pórtico dos Sanhudos**, com brasão, por onde passamos rumo ao aglomerado de casas de pedra onde Aquilino nasceu. É uma construção humilde, típica de lavrador, tal e qual a descrição que o escritor faz em **“Cinco Reis de Gente”**.

Ao lado da Igreja tomamos o sentido da **Aldeia de Santo Estêvão**, ou Forca. As habitações de granito negro, envoltas numa paisagem típica de serra, pedregosa e agreste, mesclam-se com construções mo-



dernas, de planta importada. A própria Igreja, construída no século XX, nasceu da vontade do povo e empenho pessoal do pároco da freguesia, Lucas Ribeiro, que esteve na comunidade durante mais de cinquenta anos. Os lameiros, os terrenos agrícolas e florestais, os pastos e as forragens abundam, sendo o leite e a pecuária garantias de casa farta e dinheiro na algibeira. A povoação exhibe ainda a sua **capelinha de Santa Quitéria**, levantada no século XVIII, ao lado de um solar de 1745. A **Capela de Santo Estêvão** é outro exemplo da devoção do povo, que se uniu para a reedificar. Recentemente, a

TERRAS DO DEMO

O termo “Terras do Demo” foi criado por Aquilino Ribeiro para descrever as terras geograficamente situadas entre as serras da Lapa e Nave. O “demo”, que nada tem a ver com aquela figura que pratica actos demoníacos, designa as terras inóspitas, frias, pobres, fechadas a contactos e isoladas, mas que, ao mesmo tempo, sabem preservar actos culturais distintos e ricos. Em suma, um modo de estar muito próprio, feito de rotinas muito peculiares. Essas terras situam-se nos concelhos de Sernancelhe, Moimenta de Beira e Vila Nova de Paiva.



A HISTÓRIA DA FORCA

O que irritava as pessoas de Aldeia de Santo Estêvão, reconhecidas como pacatas e acolhedoras, era o epíteto “Forca”. A designação, que pressupunha espírito justiceiro destas gentes, surgiu porque o último condenado à morte pela forca, em Portugal, de nome Manuel Pires, foi aqui detido e manietado. Posteriormente, foi julgado e condenado no Tribunal de Caria (na altura sede de concelho a que Carregal e as localidades anexas pertenciam), fez penitência na Igreja do Convento, em Moimenta da Beira, e foi executado em Vila da Rua.



aldeia ganhou um percurso pedestre, desenhado em plena serra. São mais de 3 quilómetros de caminho rural, que estabelecem também a ligação com a freguesia de Penso. Este troço em paralelepípedo, é denominado de *Estrada Ecológica*, por atravessar uma área de especificidade cinegética, muito procurada por caçadores de todo o país.

De regresso ao Carregal, apresentamo-nos a descer até perto da margem do Rio Távora. A povoação de **A-de-Barros**, vizinha da E. N. 226, situa-se a um quilómetro da freguesia a que pertence: Penso. Impregnada no sopé dos montes que descem de Carregal, é uma localidade que data do século XIII. O bonito casario, sobranceiro ao Távora, partilha o pedaço de margem com a **Casa**

de Adbarros ou **Solar dos Noronhas**. Consta que o solar simboliza a aliança antiga entre a realeza e o povo e que foi um dos mais ricos e nobres da Beira, ainda hoje reconhecida pela circunstância de ter sido hospedagem de D. Dinis. O lavrador, que era proprietário da casa, passou a fidalgo pelo facto de ter recebido distintamente o Rei Lavrador.

Eis que chegamos à última freguesia deste percurso: **Penso**. É aqui que chega a Ribeira de Guímar, dividindo a povoação enquanto caminha para o Távora. A fonte de duas bicas, ponto de paragem obrigatória para recolha do precioso líquido, nunca seca. Em qualquer época do ano jorra água em força para o tanque adjacente. Diz Vasco Moreira que Penso é terra antiga por onde terá passado uma via romana que de Lamego seguia até Almeida. Os tempos modernos trouxeram uma via em asfalto e com ela o conseqüente aumento de tráfego. De qualquer forma, não se desfez o triângulo com o vértice no monte e a base no vale e a compa-





nhia amiga da Serra da Borralheira. São muitas as belezas que aqui se descobrem. A fonte quadrangular, com nicho ao centro, cruz floretada e dois pios servidos por uma bica de água fresca, é disso exemplo.

A Igreja Matriz, dedicada a S. Sebastião, é o “ex-libris” da aldeia. No interior, encontra-se uma pia de água benta do século XV, provavelmente trazida de outro local. A janela manuelina por detrás do fontanário é outro exemplo de requinte construtivo. Esta localidade tornou-se conhecida pela azenha e pelo alambique da família Aquino, que se deslocou da margem do rio aquando da construção da Barra-



gem de Vilar. Um moderno lagar de azeite funciona hoje na freguesia de Penso, assegurando a transformação de muitas toneladas de azeitona produzida na região.

